

# Recortes

Laura Escorel

A vasta produção intelectual de Antonio Candido, usualmente identificado como autor dos clássicos *Formação da Literatura Brasileira* e *Os parceiros do Rio Bonito*, inclui livros relativamente pouco difundidos, como é o caso de *Recortes*. Lançado em 1993 pela Companhia das Letras, o livro compila cinquenta textos escritos entre as décadas de 1960 e 1990, quase todos publicados anteriormente de modo esparso. Contrariando o método que vinha utilizando para organizar seus escritos, de publicar em livro apenas ensaios longos que tivessem afinidade temática, neste caso, Antonio Candido reúne textos breves sobre temas diversos. De reflexões sobre escritores a memórias pessoais, passando por comentários políticos, os artigos, resenhas, prefácios, palestras, discursos e perfis permitem uma aproximação do universo de interesses e círculo de relações do autor, constituindo um livro de tom pessoal. O caráter circunstancial dos escritos foi acentuado, a pedido do autor, na edição lançada pela Ouro sobre Azul, em 2010, por meio de um projeto gráfico que não separa os textos em capítulos. A diagramação em sequência, mantida pela Todavia na edição que chega às livrarias em 2024, marca visualmente o aspecto de ‘textos breves’, caso único na produção de Antonio Candido.

Por trás da ênfase na despretensão, no entanto, existe um minucioso cuidado na organização dos escritos, que aproxima assuntos semelhantes sem, no entanto, separá-los em partes. O livro começa com dois artigos sobre Carlos Drummond de Andrade, em uma discreta homenagem, e se encerra com a lista de registro das primeiras publicações, um gesto de compromisso historiográfico. Entre esses dois pontos são apresentados aspectos da obra ou da personalidade de autores que vão de Oswald de Andrade e Murilo Mendes a Rimbaud e Proust, reflexões sobre Cuba e a inserção do Brasil na América espanhola, e lembranças da vida que incluem experiências pessoais e coletivas. No artigo “Fazia frio em São Paulo”, Antonio Candido relata o primeiro contato com a poesia de Drummond e o desvanecimento que sentiu ao receber a cópia de um poema dedicado a ele pelo poeta. Já em “Oswaldo, Oswáld, Ôswald”, escreve sobre a confusão em torno da pronúncia do nome de Oswald de Andrade. Diante da variedade de temas e formas desses recortes, destaco “O mundo coberto de moços” e “A vida ao rés do chão”.

Publicado pela primeira vez no livro *Maria Antônia: uma rua na contramão*, organizado por Maria Cecília Loschiavo dos Santos e lançado pela editora Nobel em 1988, “O mundo coberto de moços” apresenta um breve relato histórico do período em que a Faculdade de Filosofia da Universidade de São Paulo ocupou o prédio da rua Maria Antônia. Comprometido em deixar para a posteridade o registro das transformações profundas que testemunhou, e fazer jus à importância da faculdade na qual se formou e depois se tornou professor, Antonio Candido aponta o tempo da rua Maria Antônia como aquele em que se deu uma mudança radical das relações entre alunos e professores, que adotaram um modelo mais horizontal de diálogo, assim como entre a faculdade e a sociedade, com a faculdade abandonando uma atitude neutra e se engajando nas questões sociais do momento.

Embora essas transformações tenham levado ao conflito com os estudantes do Mackenzie, em 1968, e à invasão, fechamento e transferência para o campus do Butantã, isolando a Faculdade de Filosofia da convivência com a cidade, o que a história oficial aponta como um fracasso do grupo da “Maria Antônia” é visto por Antonio Candido, em retrospecto, como uma primeira etapa na construção de uma universidade mais democrática. A esse respeito comenta:

Ela promoveu uma substituição de radicalismos dentro do novo espírito que vem quebrando os conceitos e as normas tradicionais, de maneira a dar espaço vital ao jovem, à mulher, ao negro, ao homossexual, num mundo que antes estava cristalizado em torno do homem adulto, branco, sexualmente ortodoxo, e que fazia dessas características um requisito para o exercício do poder.

Passadas mais de três décadas da primeira publicação de “O mundo coberto de moços”, o espaço para a diversidade entre estudantes, docentes e funcionários da USP permanece sendo motivo de lutas. Mas as mudanças iniciadas nos anos da rua Maria Antônia reverberam, no tempo presente, na atuação de estudantes como Thiago Torres, mais conhecido como Chavoso da USP, professores como Gisleine Aparecida dos Santos (EACH-USP), coordenadora do grupo de pesquisa n-Periferias do Instituto de Estudos Avançados, e de setores da própria universidade, como a Reitoria de Pertencimento, que se empenham em questionar as estruturas tradicionais e dar espaço àqueles que são constantemente marginalizados do exercício do poder.

Enquanto “O mundo coberto de moços” reflete sobre um período marcante da história do país, “A vida ao rés do chão” trata de questões literárias. Escrito a convite do editor Jiro Takahashi, o texto foi publicado pela primeira vez como prefácio ao volume 5 da série *Para gostar de ler*, lançado em 1980 pela editora Ática. Partindo da observação de que a crônica, como gênero considerado menor, permite maior aproximação da vida diária e da linguagem comum, sendo assim um excelente veículo para introduzir o hábito da leitura, Antonio Candido apresenta as características desse gênero, um pouco de sua história, reflete sobre a simplificação da linguagem e comenta trechos do volume. A partir dessa estrutura, o autor produz um texto que foi considerado por escritores, professores e jornalistas, o melhor estudo já escrito sobre a crônica no Brasil.

Desde o título do prefácio, “A vida ao rés do chão”, o autor apresenta uma das principais características da crônica como gênero, ou seja, adotar uma perspectiva próxima da realidade cotidiana, distante de temas grandiosos e discursos grandiloquentes, perspectiva que trata das coisas miúdas da vida, apontando nelas uma beleza insuspeitada. Nascida quando o jornal se tornou cotidiano, com o passar do tempo a crônica foi abandonando a função de informar para se dedicar a divertir, e nessa transição Antonio Candido identifica o amadurecimento do gênero que, por conta da originalidade com que se desenvolveu por aqui, poderia ser considerado um gênero tipicamente brasileiro. O crítico atribui ainda à crônica o bem-vindo papel de aproximar a linguagem escrita da oralidade, em um país que costuma associar requintes gramaticais à superioridade intelectual. E, ao desenvolver um breve comentário sobre alguns dos grandes cronistas brasileiros, grupo do qual fazem parte os quatro autores do volume em questão — Carlos Drummond de Andrade, Fernando Sabino, Paulo Mendes Campos e Rubem Braga —, inclui Rachel de Queiroz entre os autores de crônicas que, tratando de coisas aparentemente desimportantes, mostram uma perspectiva profundamente crítica da realidade. Sobre as crônicas publicadas no volume que prefacia, Antonio Candido observa: “É curioso como elas mantêm o ar despreocupado, de quem está falando coisas sem maior consequência e, no entanto, não apenas entram fundo no significado dos atos e sentimentos do homem, mas podem levar longe a crítica social”.

Os textos de *Recortes* também possuem um pouco desse ar de quem diz coisas sem maior importância enquanto toca em questões fundamentais, como no artigo “Um verão em Berlim”, quando as memórias de infância de uma temporada na Alemanha testemunham eventos ligados à ascensão do nazismo. Algo semelhante ocorre em “O mundo coberto de moços” e “A vida ao rés do chão”. No primeiro, Antonio Candido

transforma uma lembrança em relato histórico a contrapelo, que reivindica para a Faculdade de Filosofia do período da Maria Antônia o papel de estopim dos processos de democratização do ensino universitário. No segundo, se dirige aos estudantes e professores do Ensino Médio e Fundamental, público-alvo da coleção *Para gostar de ler*, com o mesmo empenho que dedica a estudos acadêmicos, produzindo um texto no qual está implícito o valor que dá a essa etapa do aprendizado como meio de desenvolver a capacidade de apreciação estética e a consciência social de crianças e jovens.

Como estudante do Ensino Fundamental na década de 1980, a coleção *Para gostar de ler* teve um papel marcante no estímulo do hábito da leitura na criança que fui. As visitas periódicas à biblioteca da escola eram um ritual cultivado com interesse por conta da certeza de que ali eu encontraria uma boa variedade de livros adequados à minha idade, diferente dos livros de adulto que ocupavam quase todas as estantes do apartamento onde eu vivia. Em uma dessas visitas, acredito que em 1986, encontrei o volume 5 da coleção e, intrigada com a descoberta de que o poeta Carlos Drummond de Andrade também escrevia crônicas, levei o livro para casa. Embora àquela altura da vida ainda não tivesse o hábito de ler prefácios, parei para ler aquele e me vi fascinada com a ideia de um texto que explicava textos, mesmo consciente de que não entenderia boa parte do que estava escrito. A fascinação com a descoberta da função de um prefácio só foi superada, ao final da leitura, quando encontrei o nome do autor daquele texto, que parecia uma porta para um outro mundo: Antonio Candido. Olha! Então é isso que o vovô escreve! E naquele dia comecei a entender quem era o intelectual que vivia dentro do meu avô. Para minha surpresa, quando em 1993 recebi um exemplar da primeira edição de *Recortes*, livro dedicado aos netos, lá estava “A vida ao rés do chão”, o prefácio que me abriu um mundo novo. A carta que mandei agradecendo a dedicatória, hoje está arquivada no Instituto de Estudos Brasileiros da USP.

Por conta da variedade de temas, da concisão dos textos e do tom pessoal que perpassa *Recortes*, o livro cumpre o duplo papel de aproximar os não especialistas da produção intelectual de Antonio Candido oferecendo, ao mesmo tempo, aos estudiosos da obra do crítico, meios de renovar a visão desse autor de forma a incorporar a seu perfil qualidades literárias que ele jamais reivindicou.